

PRIMO LEVI E A MEMÓRIA ALIMENTAR

Josiane Rodrigues Neves

(Mestranda – UFRJ – Rio de Janeiro – CAPES)

RESUMO: O presente artigo investiga questão da alimentação nas narrativas do escritor italiano Primo Levi (1919-1987). Para essa discussão, serão utilizadas as obras *Se questo è un uomo* (1947) e *La tregua* (1963), produções essas definidas como narrativas de testemunho. Como base metodológica, este estudo se debruça sobre os escritos de Jacques Le Goff (2003) - que trazem uma perspectiva histórica do tema da memória -, Maurice Halbwachs (1990) e Paul Ricoeur (2007) – os quais discutem a memória coletiva e o esquecimento. O tema da memória tratado aqui não diz respeito ao trauma, mas sim à questão alimentar.

PALAVRAS-CHAVE: alimentação, memória, testemunho, *Shoah*.

A obra memorialística do escritor italiano Primo Levi (1919-1987) possui um valor significativo no que concerne aos estudos da *Shoah*¹. Capturado no fim do ano de 1943 pela milícia fascista e detido no campo de Carpi-Fossoli, Levi é deportado para o campo de concentração de Monowitz em janeiro de 1944. Ali, é mantido recluso até 1945, momento de chegada das tropas russas e de libertação dos campos de concentração nazistas. Permanece ainda por quatro meses no campo soviético de Katowice e exerce a função de enfermeiro. Somente em outubro de 1945, retorna à Itália.

O seu primeiro livro – *Se questo è un uomo* (1947) - retrata a dura rotina dos campos, marcada por castigos, pela fome e pela tentativa de sobreviver ao horror. O eu-lírico do poema-epígrafe *Shemà* invoca o leitor a refletir a respeito da condição do homem do *Lager*² em decorrência das circunstâncias lancinantes a que os prisioneiros eram submetidos cotidianamente:

Vocês que vivem seguros
em suas cálidas casas,
vocês que, voltando à noite,

¹ O termo *Shoah* provém do hebraico e significa “catástrofe, devastação”. Utiliza-se neste artigo esse vocábulo eufemístico para se referir à Auschwitz, visto que “holocausto” – apesar de sua grande difusão – trata-se de uma expressão inadequada. Giorgio Agamben afirma que a palavra “holocausto” traz uma conotação antijudaica e alude aos fornos crematórios e altares (AGAMBEN, 2008, p. 40).

² Outra expressão usada para fazer referência a “campo de concentração”.

encontram comida quente e rostos amigos,
pensem bem se isto é um homem
que trabalha no meio do barro,
que não conhece paz,
que luta por um pedaço de pão,
que morre por um sim ou por um não.
Pensem bem se isto é uma mulher,
sem cabelos e sem nome,
sem mais força para lembrar,
vazios os olhos, frio o ventre,
como um sapo no inverno.

Pensem que isto aconteceu:
eu lhes mando estas palavras [...] (LEVI, 1988, 9).

Em seguida, no prefácio da mesma obra, o narrador anuncia a necessidade de contar aquilo que vivenciou e o dever de tornar os outros conscientes:

A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior (LEVI, 1988, pp. 7-8).

Pouco mais de uma década, escreve o seu segundo livro - *La tregua* (1963). Considerado como continuação de *Se questo è un uomo*, o livro traça os percalços do narrador desde a chegada dos russos aos campos de concentração até a sua complicada viagem de retorno à Itália. Esse retorno não é isento de inquietudes: ao mesmo tempo em que há a retomada dos laços familiares e da condição humana – além da realização do desejo de contar o que se vivenciou -, o trauma de um passado sombrio assola, tal como se verifica no poema de abertura, *Wstawac*: Agora reencontramos a casa,/ Nosso ventre está saciado,/ Acabamos de contar./ É tempo. Logo ouviremos ainda/ o comando estrangeiro:/ ‘Wstavach’” (LEVI, 2010, p. 5).

Esses livros compõem atualmente o cânone de produções acerca do evento de Auschwitz. Considerados como uma categoria de narrativas de testemunho, a reflexão se debruça sobre o evento da *Shoah* (SELIGMANN-SILVA, 2002, p. 69). Em se tratando de obras memorialísticas, torna-se

relevante para esta discussão traçar algumas considerações acerca da questão da memória.

Maurice Halbwachs correlaciona a memória coletiva com as memórias individual e histórica. Em primeiro lugar, ao estabelecer uma relação entre a memória individual e a memória coletiva, Halbwachs afirma que as lembranças se tornam coletivas porque os indivíduos não estão sozinhos (HALBWACHS, 2003, p. 30). Para ele, a confirmação ou recordação de uma lembrança não necessita de testemunhos, ou seja, indivíduos presentes, visto que tais testemunhos podem não ser suficientes para reconstitui-la (HALBWACHS, 2003, p. 31). Sempre segundo esse autor, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, o qual pode mudar conforme o lugar ocupado ou relações mantidas em outros ambientes (HALBWACHS, 2003, p. 69).

Quanto à relação entre memória histórica e memória coletiva, Halbwachs considera que a memória dos indivíduos se baseia na história vivida. A seu ver, a história deve ser entendida como “tudo o que faz com que um período se distinga dos outros” e não apenas como uma sucessão cronológica de datas e eventos (HALBWACHS, 2003, p. 69). Ele ainda diferencia a memória coletiva da história, afirmando que a primeira se caracteriza por ser uma “corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. A história, ao contrário, divide a sequência do século em períodos e deixa a impressão de renovação de um momento a outro (HALBWACHS, 2003, p. 102).

Jacques Le Goff parte do princípio de que a memória remete ao conjunto de funções psíquicas. Devido a isso, pode-se atualizar impressões e informações passadas (LE GOFF, p. 423). Para ele, além do fato de ser mítica e não ter linearidade precisa, a memória acaba por constituir o vivido (LE GOFF, p. 29). Ele fala sobre a importância do papel desempenhado pela memória coletiva na evolução das sociedades na segunda metade do século XX, considerando que a mesma “faz parte das grandes questões das

sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (LE GOFF, p. 475).

Por fim, acrescenta que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. A memória coletiva deve servir para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, p. 477).

Observa-se que as ponderações de Halbwachs e Le Goff tem um ponto em comum: a relação entre a memória e o vivido. Por exemplo, em *La tregua*, tal fato se verifica quando o narrador expressa a sua “memória da fome”:

Nenhum de nós estava certo de que eram comestíveis [cogumelos e murtinhos]; por outro lado, podia-se deixá-los apodrecendo no bosque? Claro que não: estávamos todos mal nutridos, e além disso era ainda muito recente em nós a lembrança da fome em Auschwitz, e se transformara num violento estímulo mental, que nos obrigava a encher ao máximo o estômago, e nos proibia imperiosamente de renunciar a qualquer ocasião de comer (LEVI, 2010, p. 150).

Paul Ricoeur - ao relacionar o trabalho de rememoração e esquecimento - sinaliza que a busca pela recordação apresenta uma das principais finalidades do ato da memória, que se fundamenta na luta contra o esquecimento (RICOEUR, 2004, p.50).

Com relação a isso, João Zuin acrescenta que o objetivo das narrativas de Primo Levi é informar, contribuindo na formação de uma nova consciência daqueles que não viveram o mundo de Auschwitz:

O profundo esforço da narrativa moral e histórica de Primo Levi era voltado para o não esquecimento das ações e relações sociais, processos e estruturas de poder contidas no universo totalitário. Seus livros buscavam informar o leitor, almejando contribuir para a formação de uma nova consciência moral e política naqueles que não viveram o mundo da violência sem limites, as lacerações morais e éticas, a derrota da razão e a construção bio-política do não-homem, do ser reduzido ao estado zoológico (ZUIN, 2006, pp. 203).

Numa entrevista concedida a Enzo Biagi em 1982, Primo Levi - ao ser questionado sobre a sua recordação da vida em Auschwitz, declara tê-la descrito em seu primeiro livro:

L'ho descritu in *Se questo è un uomo*. La notte, sotto i fari, era qualcosa di irreal. Era uno sbarco in un mondo imprevisto in cui tutti urlavano. I tedeschi creavano il fracasso a scopo intimidatorio. Questo l'ho capito dopo, serviva a far soffrire, a spaventare per troncane l'eventuale resistenza, anche quella passiva. Siamo stati privati di tutto, dei bagagli prima, degli abiti poi, delle famiglie subito (BIAGI, 1982).

Em seguida, ao ser interrogado sobre o que mais faltava nos campos, responde que, antes de tudo, era o alimento, a obsessão dos prisioneiros: “In primo luogo il cibo. Questa era l'ossessione di tutti. Quando uno aveva mangiato un pezzo di pane allora venivano a galla le altre mancanze, il freddo, la mancanza di contatti umani, la lontananza da casa...” (BIAGI, 1982).

Por meio das falas de Levi, pode-se perceber que havia um processo de desumanização. Segundo João Zuin, esse processo se dá através das constantes privações e da presença da morte, percebida pelos sentidos, isto é, “pela visão diária da multidão de muçulmanos, pela audição diária das sentenças premonitórias ditas pelos S.S., pelo olfato” em consequência da existência dos fornos crematórios. O paladar também se faz presente, sendo a comida dos detentos considerada como *fressen*, expressão alemã que remete à alimentação dos animais (ZUIN, 2006, pp. 204-205), como se pode verificar no fragmento abaixo, extraído de *Se questo è un uomo*:

Realmente, *fressen* não é bem “comer”. “Comer” é comer como gente, sentados à mesa, religiosamente: é *essen*. *Fressen* é comer como bichos, mas o Kapo não fala assim por escárnio. Comer assim, de pé, a toda a pressa, prendendo o fôlego, queimando-nos boca e garganta, é, realmente, *fressen*; é esta a palavra certa, a que costumamos dizer (LEVI, 1988, p. 76).

Nessa obra, é apresentado o parco alimento diário dos prisioneiros, composto apenas por uma tigela de sopa e pão, insuficientes à nutrição e à saciedade da fome. No fragmento acima, o narrador comenta as práticas alimentares dos detentos: reduzidos à condição bestial, são obrigados a

comerem como animais. Para ele, a prática do ato da alimentação destina-se aos homens livres. Karina Pinheiro sustenta que a alimentação promove a satisfação de uma necessidade biológica e se caracteriza como ato social entre os indivíduos. Ela ainda menciona que “os padrões alimentares de um grupo colaboram com a identidade coletiva, a posição na hierarquia e na organização social” (PINHEIRO, p. 174).

Por conta do alimento escasso, a fome torna-se uma constante na narrativa. Nunzio La Fauci, ao tratar da questão da fome nas experiências metalinguísticas do Moderno, afirma que o “falar da fome” em Levi é algo observado e vivenciado:

Levi disse (del)la fame per averla osservata provandola. Tra il 1944 e il 1945, nel campo di Buna-Monowitz, egli fu in proposito partecipe di un esperimento. Di esperimenti simili furono cavie innumerevoli altri – nella quasi totalità messi nella condizione di non porterne mai più riferire (LA FAUCI, 2009, 408).

É possível notar que a fome passa por transformações no decorrer da obra. Inicialmente, o narrador a apresenta em sentido literal, ou seja, como uma necessidade biológica de nutrir-se. Aqui, ele - ainda arraigado às práticas sociais de homem livre – sofre um processo inicial de desumanização. Padece ao lado de seus companheiros as primeiras privações: sede, frio, fome e cansaço:

Sofríamos com a sede e o frio; a cada parada, gritávamos pedindo água, ou ao menos um punhado de neve, mas raramente fomos ouvidos; os soldados da escolta afastavam quem tentasse aproximar-se do comboio. Duas jovens mães, com crianças de peito, queixavam-se dia e noite implorando por água. Havia também a fome, a fadiga, a falta de sono, mas a mesma tensão nervosa as mitigava. As noites, porém, eram pesadelos sem fim (LEVI, 1989, p. 16).

Em seguida, o narrador encontra-se recluso no *Lager*. Agora, no fundo, a sua fome não é apenas uma necessidade do dia a dia: torna-se crônica e desconhecida dos homens livres, atormentando aqueles que a sentem:

Aqui estou, então: no fundo do poço. Quando a necessidade aperta, aprende-se em breve a apagar da nossa mente o passado e o futuro. Quinze dias depois da chegada, já tenho a fome regulamentar, essa fome crônica que os homens livres desconhecem; que faz sonhar, à noite; que fica dentro de cada fragmento de nossos corpos (LEVI, 1988, p. 35).

O pão distribuído possui valor inestimável, visto que o alimento, culturalmente tido como sagrado, é a única moeda de troca dos prisioneiros:

O pão é também a nossa única moeda: durante os poucos minutos que passam entre a distribuição e o consumo, o Bloco ressoa de chamados, de brigas e fugas. São os credores de ontem que exigem o pagamento, nos poucos instantes nos quais o devedor tem com que pagar. Logo volta certa paz, e muitos aproveitam para ir novamente aos banheiros e fumar lá meio cigarro, ou ao lavatório para lavar-se realmente (LEVI, 1988, p. 37).

Como o próprio Levi diz, a fome é a obsessão de todos. E todos têm o sonho cruel com a fartura de comida que não há. Sonho esse semelhante ao desejo furioso de Tântalo, o qual - aspirando ao lugar junto ao Olimpo - oferece o próprio filho como banquete aos deuses:

Os companheiros dormem. Respiram, roncam, alguns se queixam e falam. Muitos estalam os lábios e mexem os maxilares. Sonham que comem; esse também é um sonho de todos, um sonho cruel; quem criou o mito de Tântalo devia conhecê-lo. Não apenas se vê a comida; sente-se na mão, clara, concreta; percebe-se seu cheiro, gordo e penetrante; aproximam-na de nós, até tocar nossos lábios; logo sobrevém algum fato, cada vez diferente, e o ato se interrompe. Então o sonho se dissolve, cinde-se em seus elementos, mas recompõe-se logo, recomeça, semelhante e diverso; e isso sem descanso, para cada um de nós, a cada noite enquanto a alvorada não vem (LEVI, 1988, p. 61).

Por fim, a fome passa a ter um sentido alegórico. O *Lager*, o narrador e os demais prisioneiros representam a fome viva. No fragmento abaixo, a draga, enquanto revolve a terra, faz movimentos semelhantes à mastigação. Segundo La Fauci, o construto de identificação entre "*Lager*" e "fome" introduz a alegoria da draga (LA FAUCI, 2009, p. 410):

Além da estrada, trabalha uma escavadeira. A sua concha, suspensa nos cabos, escancara suas mandíbulas dentadas, paira um instante, como hesitando na escolha, de repente arremete contra a terra mole e argilosa, abocanha ávida, enquanto da cabine sai um jato satisfeito de fumaça branca e densa. Logo torna a levantar, dá um quarto de volta, despeja a presa que estava carregando, e recomeça. Apoiados em nossas pás, olhamos fascinados. A cada mordida da escavadeira entreabrem-se as bocas, os pomos-de-adão sobem e descem, miseramente visíveis por baixo da pele frouxa. Não conseguimos renunciar ao espetáculo do banquete da escavadeira (LEVI, 1989, p. 74).

Em *La tregua*, o narrador representa inicialmente a fome personificada. Essa, tal como ser autônomo, ainda massacra as suas vítimas ao fazê-las se fartarem de alimento trazido pelos russos:

Nem a morte cessara de ceifar vidas: os doentes morriam às dezenas em seus frios beliches; e morriam aqui e acolá pelas estradas lamacentas, como fulminados, os sobreviventes mais gulosos, os quais, seguindo cegamente o comando imperioso de nossa antiga fome, haviam se empanturrado das rações de carne que os russos, ainda ocupados em combates no front, faziam irregularmente chegar ao campo: às vezes pouco, às vezes nada, às vezes em desmedida abundância (LEVI, 2010, pp. 14-15).

Embora já homem livre, a memória da fome ainda permanece no narrador. Mesmo com a abundância de comida, a fome ainda se revela de modo incontrolado, consequência do processo de desumanização:

A cozinha do campo de Bogucice, para dizer a verdade, não era escassa: era-nos destinada a ração militar russa, que consistia num quilo de pão, duas sopas por dia, uma *kasha* (vale dizer, um prato com carne, toucinho, milho ou outros vegetais), e um chá à maneira russa, diluído, abundante e açucarado. Mas Leonardo e eu tínhamos que nos ressarcir dos prejuízos provocados por um ano de Lager: estávamos sempre dominados por uma fome descontrolada, e em boa parte psicológica, e a ração não nos bastava (LEVI, 2010, p. 66).

Se questo è un uomo e *La tregua* ainda estão no centro das discussões acerca do trauma daqueles que presenciaram o evento de Auschwitz. Entretanto, o olhar direcionado à memória da alimentação ainda recebe pouca atenção por parte de estudiosos, embora – a partir do que foi exposto - seja de

grande importância. A escassez de alimento, fome aniquiladora e as suas consequências fazem parte de uma experiência tanto individual quanto coletiva.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BIAGI, Enzo. Come nascono i Lager? Facendo finta di nulla. In: *Il fatto storico*. Disponível em <<http://www.ilfattoquotidiano.it/2014/01/27/enzo-biagi-intervista-primo-levi-come-nascono-i-lager-facendo-finta-di-nulla/858417/>>. Acesso em: 8 set. 2015.

Centro Internazionale di Studi Primo Levi. Disponível em: <http://www.primolevi.it/Web/Italiano/Contenuti/Biografia/110_Cronologia>. Acesso em: 7 set. 2015.

HALBWAHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LA FAUCI, Nunzio. Dire la fame: Se questo è un uomo e altre esperienze (meta)linguistiche del moderno. In: ROBUSTELLI, Cecilia e FROSINI, Giovanna. *Storia della lingua e storia della cucina*. Atti del VI Convegno ASLI – Associazione per la Storia della Lingua Italiana. Firenze: Franco Cesati Editore, 2009, p. 407-421.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PINHEIRO, Karina. História dos hábitos alimentares sociais. In: *Universitas: Ciências da saúde*, vol. 3, n. 1, pp. 173-190. Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/cienciasaude/article/viewArticle/553>>. Acesso em: 7 set. 2015.

RICOEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Zeugnis” e “Testimonio”: um caso de intraduzibilidade entre conceitos. In: *Pandaemonium germanicum*, n° 6, pp. 67-83, 2002. Disponível em: <www.revista.usp.br>. Acesso em: 23 jun. 2015.

ZUIN, João Carlos Soares. Primo Levi: o escritor-testemunha de Auschwitz. In *Perspectivas*. São Paulo, 29: 193-216, 2006. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/>>. Acesso em: 7 set. 2015.